

## 9 de novembro de 1823: FRAGATA “NICTHEROY” RETORNA AO BRASIL Missão cumprida!

*“Quanta alegria nos traz a volta  
À nossa Pátria do coração  
Dada por fmda a nossa derrota  
Temos cumprido nossa missão.” <sup>(1)</sup>*

**E**m 9 de novembro de 1823 a tripulação da Fragata “Nicttheroy”, comandada pelo Capitão de Fragata John Taylor, certamente viveu a emoção descrita nos versos indicados acima, quando retornou a Salvador após realizar exitosa operação naval de perseguição às forças lusitanas que, obrigadas a deixar a Bahia em 2 de julho daquele ano, dirigiram-se a Portugal, lideradas pelo General Madeira de Melo, em 78 navios, e protegidas por treze escoltas <sup>(2)</sup> sob comando do Almirante Félix de Campos.

Essa épica expedição, além de aprisionar dezenove navios e assegurar que os meios navais portugueses não reforçassem províncias ao Norte, que não aceitavam a subordinação ao Imperador Dom Pedro I, pode ser considerada como representativa do cumprimento da missão da recém-criada Esquadra – expulsar forças que se opunham à nossa independência e garantir a integridade do território brasileiro. Essa independência só foi reconhecida por Portugal em 29 de agosto de 1825, ao assinar o tratado de Paz e Aliança, mas, a partir de novembro de 1823, não havia mais como reverter a situação com os meios militares lusitanos.

Deve ser ressaltado, ainda, outro registro importante dessa operação naval: a bordo da Fragata “Nicttheroy” estava um jovem voluntário, o gaúcho Joaquim Marques Lisboa, que iniciava, em combate, sua insigne carreira naval, alcançando o posto de Almirante e recebendo o título de Marquês de Tamandaré. Por suas notáveis realizações em prol do Brasil, em 4 de setembro de 1925 <sup>(3)</sup> foi designado Patrono da Marinha, o que nos remete ao Dia do Marinheiro, celebrado em 13 de dezembro, data de nascimento desse insigne brasileiro.

Assim, esta edição tem na capa a Fragata “Nicttheroy”, simbolizando o “cumprimento da missão” da Esquadra na Guerra da Independência. Mostra, ainda, a Fragata “Niterói”, primeira de uma classe que promoveu quebras de paradigmas na Marinha nos anos 1970, e a futura Fragata “Tamandaré” que, somando-se ao SCPN <sup>(4)</sup> “Álvaro Alberto” e ao Navio Polar “Almirante Saldanha”, citados em edições anteriores, asseguram que o Brasil conte com meios que, com credibilidade, contribuirão para a Defesa da Pátria sendo, ainda, importantes vetores para o desenvolvimento do País em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I).

Essa imagem da capa também significa o “cumprimento da missão” da Revista do Clube Naval (RCN) que, por meio de artigos, de entrevistas e da seção de Filatelia, tem procurado mostrar, ao longo de nove edições, iniciadas no último trimestre de 2021, a importância da Marinha para o Brasil em seus primeiros duzentos anos.

A partir da RCN-400 foi apresentada uma panorâmica do processo de separação de Portugal, começando por apontar que a História Naval Brasileira antecede a Independência, pois portugueses, com ensinamentos obtidos na mítica Escola de Sagres, se lançaram “Por mares nunca de antes navegados, passaram ainda além da Taprobana”<sup>(5)</sup>, iniciando nossa História, e, empregando forças navais, expulsaram invasores e expandiram nossa fronteira para Oeste, ações decisivas para formação e defesa do território.

Vimos na RCN-401 que a vinda da família real para o Brasil em 1808 teve profundo impacto em diferentes setores da vida na então colônia, além de representar o marco inicial do nosso processo de emancipação política, mostrado em edições posteriores, sob diferentes perspectivas – diplomática, jurídica, militar e econômica. Iniciou-se com os fatos ocorridos em 1822, desde o brado às margens do Ipiranga até a formação da nossa Esquadra, inclusive mostrando os pontos de vista de Portugal e do Reino Unido, que teve relevante papel em todo esse processo, e foram descritos os principais acontecimentos da Guerra da Independência ocorridos em 1823, com destaque para o emprego da Armada Imperial, fundamental para assegurar a Independência e manter a integridade do território.

Foram publicados, ainda, artigos sobre a atuação da Esquadra ao longo desses dois séculos de História – durante o Império, nas duas Guerras Mundiais do século 20 e em anos mais recentes, como na Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL) – além de textos sobre as organizações e profissionais de variadas especialidades da Marinha que asseguram os efetivos e os meios necessários para

que a espinha dorsal do nosso Poder Naval esteja sempre pronta para ser empregada onde e quando necessário.

Esse conjunto de textos mostrou que a Marinha, junto com o Exército Brasileiro e com a Força Aérea Brasileira, constitui valioso instrumento dissuasório para a Defesa da Pátria. Entretanto, para efetivamente dissuadir oponentes é preciso ter credibilidade, o que é conferido por meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais no estado da arte, obtidos por conhecimento autóctone, o que impõe investir em CT&I. Assim, duas edições desse período abordaram as muitas contribuições da Marinha para a busca da “Soberania pela Ciência”, com destaque para as pesquisas em Ciências do Mar e Energia Nuclear, e para a implantação do Programa Antártico Brasileiro, um dos nossos mais longevos projetos de pesquisa científica que mantém o Brasil no fórum das decisões referentes ao Continente Austral.

Lançando um olhar para as atividades que compuseram as celebrações do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, também mencionadas em edições desta Revista, entre as quais a Exposição Internacional, a Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, a aprovação do Hino Nacional e a primeira transmissão radiofônica no Brasil, registro a épica travessia de pescadores, a bordo da pequena jangada “Independência”, de Maceió ao Rio de Janeiro, que ilustra este editorial, bem como a inauguração do Panteão dos Andradas, em Santos, em 7 de setembro de 1923, tributo ao Patriarca da Independência.

Esta edição conclui a singradura iniciada em 2021 com artigo sobre o “retorno” da família imperial ao Brasil e entrevista com o Vice-Almirante José Carlos Mathias, Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha e Presidente da Comissão Intersetorial MB200, que organizou e coordenou as comemorações, no âmbito da Marinha, referentes ao Bicentenário da Independência e da Esquadra.

Nesse contexto, vale ressaltar os dois últimos eventos do Calendário MB200, realizados em 18 de dezembro de 2023, representando justa



Os jangadeiros alagoanos (1922)

homenagem ao Patrono da Marinha e ação voltada para estreitar os laços da Força Naval com a sociedade brasileira, ambas conduzidas em longínquos rincões da nossa Pátria: inauguração de busto do Marquês de Tamandaré em São José do Norte (RS), e Projeto Marinheiro por um dia, em Ladário (MS), para cerca de cem crianças, a bordo do Monitor “Parnaíba”.

Para completar a matéria sobre o progresso da Marinha desde 1822, contamos com textos sobre a atuação da Esquadra nas duas Guerras Mundiais do século 20, a evolução da Força de Submarinos desde 1914, a atuação dos Fuzileiros Navais no período republicano e as recentes alterações na estrutura do Setor de Abastecimento da Marinha.

Integram, também, a RCN-408, os sempre bem-vindos artigos encaminhados por sócios e outros colaboradores, a seção de Filatelia, que conta a história de veleiros e navios-escola da MB, uma síntese do trabalho vencedor da edição de 2023 do Concurso Almirante Paulo Moreira da Silva e matéria alusiva ao Dia do Marinheiro, elaborada pelo Centro de Comunicação Social da Marinha.

Assim, por meio da sua Revista, o Clube Naval, conforme proposta assumida no início desta série de edições sobre o Bicentenário da Independência, procurou prestar a merecida homenagem aos homens e mulheres que escreveram os primeiros duzentos anos da História do Brasil e da sua Esquadra. ■

**José Henrique Salvi Elkfury**

Contra-Almirante (Ref<sup>o</sup>-FN) • Diretor Cultural

#### NOTAS

(1) Versos da canção Cisne Branco, Hino da Marinha.

(2) Escolta: tipo de navio empregado para proteger forças navais ou comboios de navios mercantes.

(3) Aviso nº 3.322, de 4 de setembro de 1925, do Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino Faria de Alencar

(4) SCPN: Submarino Convencionalmente armado com Propulsão Nuclear

(5) Versos de “Os Lusíadas”, de Luís de Camões.